

25 personalidades que mudaram o rumo da agropecuária no Brasil

Revista Globo Rural

No finalzinho de agosto, a prestigiada revista britânica *The Economist* publicou ampla matéria sobre o desenvolvimento alcançado pelos agricultores brasileiros, classificando-o como admirável: "Em menos de 30 anos, o Brasil passou de importador de alimentos a celeiro agrícola mundial". A publicação cita números, dados estatísticos, depoimentos, destaca a importância da pesquisa nessa conquista e faz uma colocação interessante: "Se você pergunta qual tipo de produtor agrícola vai ser mais importante nos próximos 40 anos, a resposta provavelmente seria: alguém que aumentou muito sua produção e parece capaz de continuar aumentando; alguém que possui reservas de água e de terra; alguém que possui grande rebanho bovino e seja capaz de melhorá-lo; alguém que seja produtivo sem subsídios estatais massivos; e, talvez, alguém com disponibilidade de savanas para plantar. Em outras palavras, você estaria descrevendo o Brasil".

A rigor, a revista não disse nada de novo. O campo vem sustentando o crescimento do país há muito tempo. O reconhecimento mundial sobre a força e o potencial do agronegócio nacional confirma uma revolução iniciada na segunda metade do século passado por um grupo de visionários - agricultores, pecuaristas, pesquisadores, empresários e líderes do setor -, sem os quais o Brasil não seria a potência econômica que é. *Globo Rural* é testemunha dessas transformações. Como parte das comemorações do aniversário da revista, decidimos homenagear esses precursores, muitos já falecidos. A lista reúne 25 figuras ilustres, divididas em cinco grupos (Os pioneiros, Os revolucionários, Os criadores, Os empreendedores e Os visionários), com cinco nomes cada. Como qualquer lista, a nossa falha pelo reducionismo. Muita gente boa ficou de fora. Optamos por excluir produtores rurais, pesquisadores, dirigentes de associações, políticos e empresários - esses são homenageados todos os anos por nós com o prêmio Melhores do Agronegócio. É possível que o leitor se lembre de alguém ausente, preferindo-o a este ou aquele entre os listados. Cada cabeça, uma sentença. Uma opção. A nossa foi honrar os desbravadores - homens ousados, com visão de futuro, empreendedores ou simples sonhadores, que, num passado não muito distante, ajudaram a construir o presente. Admirável.

OS PIONEIROS

Eliseu Roberto de Andrade Alves Engenheiro agrônomo



Referência mundial como cientista e gestor em ciência e tecnologia, Eliseu Alves formou-se em 1954 pela Universidade Federal de Viçosa, MG. Atuou na Emater por 18 anos. Entre 1971 e 1973, participou do projeto de reforma da pesquisa agrícola do Ministério da Agricultura, que originou a Embrapa, da qual foi diretor presidente até 1985. No mesmo ano, assumiu a presidência da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, concebendo programas para exportação de frutas. Desde 1990, é pesquisador da Embrapa, atuando nas áreas de política agrícola, desenvolvimento institucional e economia de produção. Recebeu os seguintes títulos e prêmios: Doutor Honoris Causa, da Purdue University, EUA; Honra ao Mérito, da Universidade Federal de Pelotas; Distinguish International Alumnus, da National Association of State Universities and Land Grant Colleges, e Frederico de Menezes Veiga, da Embrapa, entre outros.

Ney Bittencourt de Araújo Engenheiro agrônomo (1936-1996)



Foi à frente da presidência da Agrocere, de 1978 a 1996 (ano de sua morte), que Ney Bittencourt ganhou notoriedade. Diversificou a companhia fundada pelo pai, Antônio Secundino, transformando-a de produtora de milho em centro de desenvolvimento de genética animal e vegetal. Por participar de todas as discussões importantes sobre agricultura brasileira, a Agrocere se tornou respeitada em todo o país.

Fernando Penteado Cardoso Engenheiro agrônomo

Na década de 1940, fundou a empresa de adubos Manah, a fim de abastecer o país, que sofria com a escassez de insumos agrícolas, devido à Segunda Guerra Mundial. Também foi secretário da Agricultura do estado de São Paulo nos anos 1960, além de participar de forma dinâmica das transformações das terras pobres do Cerrado por meio da adoção de calcário e fertilizantes. Criou, em 2001, a Fundação Agricultura Sustentável.



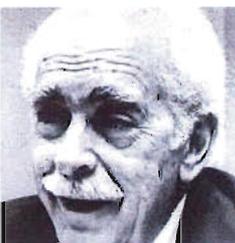
Antônio Rodrigues
Engenheiro agrônomo (1913-2000)



Idealista e realizador, Antônio José Rodrigues Filho se destacou essencialmente por defender o associativismo como forma de organização coletiva consolidadora da cidadania e da atuação democrática. Dentre as entidades de relevo por ele fundadas estão a Cooperativa de Plantadores de Cana de Guariba (Coplana), a Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp), a qual presidiu, e a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB).

José Aparecido Ribeiro

Produtor (1919-1994)

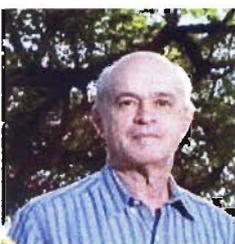


A aposta de José Aparecido, em 1966, no plantio de arroz e soja em Mato Grosso é a semente do mapa da soja no Brasil. Pioneiro na ocupação da área que originou o município de Nova Mutum, Ribeiro superou pela primeira vez, na Fazenda Mutum, o recorde paranaense de produtividade do grão, desencadeando a migração gaúcha. Nova Mutum é hoje um dos maiores polos de soja do país.

OS REVOLUCIONÁRIOS

Edson Lobato

Engenheiro agrônomo



Do desconforto de desbravar o Cerrado em uma Rural Willys à pompa de desfilar por Des Moines, EUA, em uma limosine, o pesquisador aposentado da Embrapa Cerrados Edson Lobato viu passarem 41 anos. Durante 39 deles, trabalhou na entidade brasileira perseguindo fórmulas e alternativas para corrigir a pobreza das terras do Centro-Oeste com o uso de nutrientes. Após décadas de dedicação, Lobato convenceu os descrentes da viabilidade daquele solo, assim como conquistou o reconhecimento máximo relativo à agricultura, o World Food Prize - prêmio Nobel da área concedido aos que tenham contribuído para o aumento da disponibilidade de alimentos no mundo. Ele e o ex-ministro Alysson Paulinelli, condecorados em 2006, são os únicos brasileiros a conseguir tal façanha em toda a história. Aos 70 anos, seu desafio atual é desenvolver as savanas de Moçambique, na África. "Se eu puder colaborar para acabar com a miséria deles, vou me sentir muito útil."

Herbert Bartz
Produtor



A alternativa de trocar o arado e a grade para proteger a terra por palhada e resíduos de colheitas anteriores e, sobre isso, fazer nova semeadura, deu origem ao plantio direto, técnica implantada no Brasil há 38 anos por Herbert Bartz. Ao lado dos produtores Frank Dijkstra e Manoel Henrique Pereira, ele enfrentou a descrença inicial e, hoje, é reverenciado pela difusão da prática que tornou férteis 25 milhões de hectares em todo o país.

Alcides Carvalho
Engenheiro agrônomo (1913-1993)



Se hoje o país conta com cultivares de café adaptados às diferentes regiões brasileiras, deve isso aos 52 anos de entrega de Alcides Carvalho ao estudo do grão. Graduado pela Esalq, ele iniciou sua trajetória em 1935, quando ingressou na recém-criada seção de genética do Instituto Agrônomo de Campinas. Ali, envolveu-se em um plano de pesquisas do cafeeiro e seus mecanismos reprodutivos, genéticos e citológicos, que deram origem a praticamente todos os cultivares plantados atualmente no Brasil.

Shiro Miyasaka

Engenheiro agrônomo

Aos 85 anos, Shiro Miyasaka coleciona façanhas. Primeiro japonês a se doutorar em agronomia no Brasil, percorreu todo o país como assessor da área de financiamento de pesquisas do CNPq, entre 1979 e 1984, enquanto coordenava o livro *A soja no Brasil* (1981), referência no assunto. A convite da Universidade de Tsukuba, lecionou agricultura tropical por dois anos no Japão. Hoje, pesquisa a biomassa como alternativa aos agrotóxicos.



Johanna Döbereiner
Engenheira agrônoma (1924-2000)

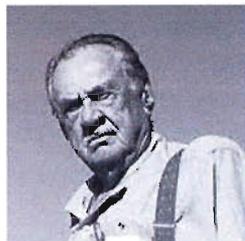


A pesquisadora tcheca, que chegou ao Brasil em 1951, é a precursora dos estudos sobre fixação biológica de nitrogênio (FBN), que hoje rende ao país uma economia anual de 1 bilhão de dólares em adubos nitrogenados. Suas descobertas nos anos 1960 são a base de programas de melhoramento da soja e propiciaram alta produtividade à cana-de-açúcar. Premiada dentro e fora do país, Johanna foi indicada ao Prêmio Nobel de Química, em 1997.

OS CRIADORES

Rubico Carvalho

Pecuarista (1917-2009)



O aperfeiçoamento do nelore e da pecuária de corte brasileira está diretamente relacionado a Rubens Andrade de Carvalho, ou Rubico Carvalho, como era conhecido. Seu pai foi um dos primeiros a importar a raça, em 1918. De Prata, MG, Rubico passou por Uberaba e, depois, fixou-se em Barretos, SP, em 1948, consolidando uma das seleções mais requisitadas: a Brumado. Com o nelore estabelecido, Rubico trouxe dos EUA o brahman, atualmente bem adaptado às fazendas do país. "Rubico é um dos responsáveis pela modernização da pecuária. Ele nos ensinou tudo", afirma José Olavo Mendes, ex-presidente da ABCZ.

Torres Homem
Pecuarista (1916-2010)



Mineiro de Uberlândia, Torres Homem Rodrigues da Cunha foi o criador que introduziu o touro nelore Karvadi no Brasil. A proeza bastaria para colocá-lo entre os maiores, mas Torres Homem fez mais: foi o pioneiro na implantação de um laboratório de inseminação artificial no Brasil, a Central VR, em Araçatuba, SP, em 1968, garantindo às gerações futuras a qualidade dos grandes genearcas. Incentivou ainda os primeiros leilões rurais. Torres Homem foi o titular da marca VR, criada em 1914 por seu pai, Vicente Rodrigues da Cunha. Faleceu em janeiro deste ano, aos 94 anos.

Jaime Miranda

Produtor e pecuarista (1927-1995)



Jaime Nogueira Miranda foi um ícone da cafeicultura e da pecuária de corte. Produtor de café, foi presidente da Cooperativa de Garça, SP, e, depois, do extinto Instituto Brasileiro do Café. Em 1969, começou a criar gado fino, de cuja iniciativa nasceu, sete anos depois, o touro Gim de Garça. Mais tarde, Gim produziu Ludy, reprodutor símbolo da pecuária moderna focada na produção de carcaça.

Celso Garcia Cid

Pecuarista (1909-1972)



O espanhol Celso Garcia Cid chegou ao Brasil em 1932 e, aqui, antes de se tornar empresário e pecuarista inovador, trabalhou como garçom, motorista e mecânico. Reconhecido pioneiro na abertura do hoje rico norte do Paraná, Celso fundou a Viação Garcia com apenas um caminhão. Garimpando zebu na Índia, ajudou a revolucionar a pecuária e fez da marca 2-C uma das mais conhecidas do país.

Nenê Costa

Pecuarista (1903-2006)

Verissimo Costa Júnior, ou Nenê Costa, como era conhecido entre os colegas pecuaristas, participou ativamente da importação de 1962, quando foram trazidos da Índia para o Brasil os principais raçadores nelore: Karvadi, Taj Mahal e Godhavari. Nenê destacou-se entre os selecionadores de zebu em função do refinamento de seu plantel, que incluía, entre outros, o touro Taj Mahal e a "imortal" vaca Bilara. Numa entrevista, Nenê Costa falou sobre a seleção feita na Índia em busca de melhoradores e de seu amor pelo zebu. "Sempre tive um olho muito bom. A paixão de olhar zebu e de apartar o gado é enorme."

OS EMPREENDEDORES

Shunji Nishimura
Empresário (1910-2010)



Shunji Nishimura precisava de autorização do governo para importar um equipamento da Alemanha e fabricar polvilhadeiras costais de plástico. Sob o regime militar, obter o aval não era simples. Shunji pediu então uma audiência com o presidente e foi recebido pela autoridade em pessoa. Pôde, assim, adquirir o produto, que garantiu o modelo de fabricação de pulverizadores seguido até hoje. Do Japão para um cafezal em Botucatu, SP, Shunji inventou a primeira colheitadeira de café, na década de 1970. Fundador do Grupo Jacto, encerrou sua vida exportando para mais de 100 países e mantendo a Escola Agrícola de Pompeia, uma das mais respeitadas da área.

Takayuki Maeda
Produtor (1924-2008)



Junto com os pais, Takayuki Maeda veio do Japão para o Brasil em 1927, quando tinha 3 anos. Após trabalhar em roças de café, a família comprou uma fazenda no interior de São Paulo. Maeda, sem nem concluir o ensino primário, tornou-se o "rei do algodão" no país, adquirindo terrenos de Cerrado na mesma época em que outros agricultores procuravam apenas terras férteis. Sobreviveu à crise do algodão na década de 1990 e foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do produto no Brasil.

Isaac Ferreira Leite

Produtor (1911- 2006)



Além de engenheiro civil, eletricitista e cafeicultor, Isaac Leite fundou, em 1957, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), numa época em que os produtores do sul de Minas Gerais não tinham respaldo técnico nem comercial para valorizar o café que produziam. À frente da entidade até 2003, investiu e inovou processos, transformando a Cooxupé na maior cooperativa de café do mundo.

Fábio Rodas

Produtor (1945-2008)



Fundou a Cooperativa de Exportadores de Cítricos e de Suco de Laranja (Montecitrus) em 1983, após 20 anos como produtor. Carregou, por décadas, o título de maior exportador de laranja orgânica do mundo, com 85% do mercado mundial. Rodas se destacou por sua visão moderna, tendo atuado ainda na área de borracha, café e pecuária. Sua Fazenda Água Milagrosa é considerada berço da raça tabapuã.

José Pereira Campos Filho

Produtor



Mineiro de Pará de Minas e nascido em 1935, José Pereira Campos Filho é um nome "umbilicalmente" ligado ao cooperativismo. Em 1967, jovem produtor e advogado, assumiu o leme da poderosa Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais (CCPR/Itambé). Inseriu-a no contexto empresarial, dando fim ao paternalismo. "Para nós, o sistema cooperativista deve, por meio do econômico, resolver os problemas sociais dos cooperados. Convencemos os associados e estabelecemos metas. Introduzimos tecnologias, buscamos oportunidades no mercado e partimos para a ampliação do negócio." Foi presidente da OCB.

OS VISIONÁRIOS

João Camilo Penna
Ex-ministro da Indústria e Comércio

Durante seu mandato no Ministério da Indústria e Comércio, de 1979 a 1984, Penna foi um grande defensor do Proálcool, argumentando que o biocombustível seria uma realidade e que era vital o país criar um sistema eficiente de abastecimento. Numa época em que aquecimento global ou mudanças climáticas não eram debatidos, Penna sugeria o etanol como alternativa no combate à poluição. Foi presidente da Cemig e de Furnas.

Hoje, integra o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Minas Gerais (CDES).

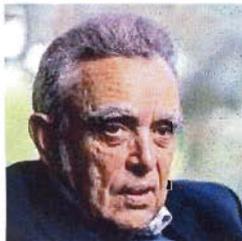


Maurílio Biagi
Empresário (1914-1978)



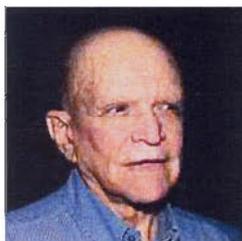
A revolução do Brasil na área de bicomcombustíveis deve muito a Maurílio Biagi. Ao lado de outros corajosos, ele entregou o documento "Fotossíntese como Fonte Energética", em 1973, ao governo militar. Dois anos depois, o projeto originou o Programa Nacional do Alcool (Proálcool), que emplacou o líquido à base de cana como opção alternativa ao petróleo. Biagi se destacou ainda por investir em usinas de produção exclusiva de álcool, incentivando o negócio por todo o país.

Paulo Nogueira Neto
Ecologista



Sua própria vida é "embaralhada" com a história do ambientalismo no Brasil. Foi responsável pela demarcação de áreas ambientais, ao criar 3,2 milhões de hectares em 26 estações e reservas ecológicas, enquanto dirigiu a Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), entre 1974 e 1986. Representou o país na Conferência de Estocolmo, em 1972, primeira reunião internacional para acordos de preservação do meio ambiente. É um estudioso de abelhas indígenas.

Olacyr de Moraes
Empresário



Após uma inundação que devastou as lavouras do Mississippi, EUA, Olacyr iniciou, em 1973, o plantio de soja no Centro-Oeste. Na década seguinte, tornou-se o maior produtor do grão no mundo. Na Fazenda Itamaraty, financiou mais de 10 mil pesquisas. Destacou-se também na produção de açúcar e etanol. Precursor do que há de moderno no Cerrado, investiu na construção da Ferronorte, mas foi à falência. A Fazenda Itamaraty, hoje, é um assentamento do MST.

Allyson Paolinelli
Engenheiro agrônomo



Formado em 1959 pela Universidade Federal de Lavras, MG, Alysson Paolinelli assumiu a Secretaria de Agricultura de Minas Gerais em 1971, criando incentivos que fizeram do estado o maior produtor nacional de café. Três anos depois, aceitou convite do presidente Ernesto Geisel para ser ministro da Agricultura, modernizando a Embrapa, promovendo a ocupação econômica do Cerrado, implantando programas de bolsas de estudos no exterior para brasileiros, cuidando da reestruturação do crédito agrícola e do reequacionamento da ocupação amazônica. Após deixar o cargo, foi deputado constituinte, presidente do Banco do Estado de Minas Gerais e, de novo, secretário da Agricultura do estado. Em 2006, recebeu o World Food Prize, correspondente ao Nobel de alimentação.

Imprimir Fechar